

Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos

(Grammaticalization of verbs and morphosyntactic contexts)

Cristina dos Santos Carvalho¹

¹ Departamento de Educação (*Campus XIV*) - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

crystycarvalho@yahoo.com.br

Abstract: In this paper I investigate grammaticalized uses of some verbs (for instance, **ver** “to see”, **sentir** “to feel” and **achar** “to think”) in order to verify the relationship between grammaticalization and morphosyntactic contexts. Then, I examine data of spoken Brazilian Portuguese from the 20th Century. The analyzed sample consists of interviews from two Projects: PEUL (Program of Studies on the Use of Language) and PEPP (Program of Studies on Spoken Popular Portuguese from Salvador). Based on theoretical assumptions of the functionalist approach, I show that, in some cases, the morphosyntactic context contributes somehow to the result of the grammaticalized item.

Keywords: grammaticalization; verbal items; morphosyntactic context.

Resumo: Neste artigo, investigo usos gramaticalizados de alguns verbos (por exemplo, **ver**, **sentir** e **achar**) com o intuito de verificar a relação entre gramaticalização e contexto morfossintático. Para tanto, examino dados da modalidade falada do português brasileiro do século XX, extraídos do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) e Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP). Fundamentada em pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico, mostro que, em alguns casos, o contexto morfossintático contribui, de alguma forma, para o resultado do item gramaticalizado.

Palavras-chave: gramaticalização; itens verbais; contexto morfossintático.

Introdução

A gramaticalização, no sentido restrito, é entendida como um processo pelo qual itens lexicais assumem, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1997, dentre outros).

Sobre esse processo, Hopper e Traugott (1993) salientam que, além de um único item lexical, uma construção inteira com esse item pode ser gramaticalizada. No que concerne a essa questão, Bybee (2003, p. 602) possui o mesmo entendimento: “De fato, parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza”. É o que se observa, por exemplo, com a gramaticalização do verbo **go** como marcador de futuro na construção **be going to**. Nesse caso, uma construção é entendida como “uma unidade com forma e significado, cujos aspectos de sua forma e de seu significado nem sempre estão previstos pelos elementos individualmente presentes em sua composição, nem por outras construções preexistentes na língua” (GOLDBERG, 1995, p. 04). Assim, verifica-se uma mudança de significado quando se comparam o sentido do verbo **go** isoladamente e o da construção **be going to**: o significado inicial de **go** como verbo pleno implica movimento no espaço, ou seja, a noção de que o sujeito está em um determinado percurso, dirigindo-se a alguma meta; com a gramaticalização desse verbo na construção **be going to**, houve uma generalização do seu significado inicial: o sujeito passa a estar

não mais em um movimento espacial mas sim em um deslocamento temporal, em direção a um ponto final no futuro.¹

Hopper e Traugott (1993, p. 01-02), além de verem a gramaticalização como um processo através do qual um item ou uma construção se torna (mais) gramatical, a definem como um modelo/*framework*, que “se refere à parte do estudo da linguagem que focaliza como formas gramaticais e construções surgem, são usadas e formatam a linguagem”. Sobre essa questão, ainda acrescentam, seguindo a esteira de Givón (1990), que, se a gramaticalização é definida amplamente como um processo que compreende as motivações e o desenvolvimento de estruturas gramaticais gerais, os processos de articulação de orações estão dentro dos seus domínios. No que concerne a esses processos, é interessante destacar que, no português brasileiro, alguns verbos apresentam usos gramaticalizados que se atualizaram em estruturas subordinadas com orações completivas. Dentre esses verbos, podem-se citar os seguintes: **achar** (GALVÃO, 1999; CEZARIO, 2001; FREITAG, 2003), **deixar** (CEZARIO, 2001; CARVALHO, 2004), **parecer** (GONÇALVES, 2003; FREITAG, 2003), **ver** (CEZARIO, 2001; CARVALHO, 2004), **ouvir**, **sentir** (CARVALHO, 2004).

Neste trabalho, analiso os usos gramaticalizados de alguns verbos — **ver**, **sentir** e **achar** — e os contextos morfossintáticos que possibilitaram, em construções complexas, a reanálise desses verbos. Também discuto como, nesses usos, se dá a atuação de alguns dos princípios postulados por Hopper (1991) para a gramaticalização. Para tanto, fundamento-me nos pressupostos do funcionalismo linguístico, sobretudo naqueles da vertente americana (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; BYBEE, 2003, dentre outros). Como *corpus*, utilizo dados da modalidade falada do português brasileiro contemporâneo, extraídos de entrevistas do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL)² e do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP).³

Este artigo está estruturado em três partes. Na primeira, contemplo a noção de gramaticalização e um dos conceitos considerados importantes para essa noção, o de *cline*, enfatizando um dos percursos estabelecidos para a gramaticalização de verbos. Na segunda, apresento uma breve discussão teórica sobre a relação entre gramaticalização e contexto morfossintático. Na terceira, verifico, com base em dados empíricos, como se dá essa relação nos usos gramaticalizados dos verbos supracitados. Em seguida, teço as considerações finais no que concerne à contribuição do contexto morfossintático para as formas gramaticalizadas analisadas.

¹ Vale lembrar que, na língua portuguesa, o item verbal **ir**, embora conserve seu uso como verbo pleno, com o sentido de deslocamento espacial, passou pelo mesmo processo de gramaticalização de **go**, quando empregado como auxiliar para marcar o futuro.

² O Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) é desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro. As entrevistas utilizadas integram duas amostras do projeto PEUL: (a) amostra 80, que compreende entrevistas gravadas a informantes no período de 1980 a 1982; (b) amostra 00, que consiste de entrevistas feitas a partir de 1999.

³ O Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP) é desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia. A amostra do PEPP é composta de quarenta e oito entrevistas, que exibem as seguintes características: a) apresentam informantes distribuídos em quatro faixas etárias: de 15 a 24 anos, de 25 a 35 anos, de 45 a 55 anos e de 65 anos em diante; b) possuem aproximadamente quarenta minutos de gravação.

Gramaticalização e a noção de *cline*

Um conceito considerado importante para a gramaticalização é o de *cline*. Hopper e Traugott justificam a importância desse conceito tomando por base uma das características da mudança linguística, a gradualidade: “do ponto de vista da mudança, formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas sim através de uma série de transições graduais, que tendem a ser similares em tipo translinguisticamente.” (1993, p. 06)

Mencionam que a progressão de um item lexical para um advérbio ou uma preposição, e mesmo para um afixo de caso, é uma ilustração do que eles entendem por *cline*.

Baseando-se no princípio de que a mudança linguística ocorre numa direção que não pode ser revertida (princípio de unidirecionalidade⁴), Hopper e Traugott (1993) propõem o seguinte percurso de gramaticalização: item lexical de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional. Levando em conta esse percurso, esclarecem que: (a) o item que está à direita é mais gramatical do que o outro que está à sua esquerda; (b) a mudança de uma forma para outra ocorre de um ponto à esquerda para um ponto à direita, o que remete a “uma tendência à unidirecionalidade na história de formas individuais” (p. 07); (c) a mudança se dá numa direção de formas e/ou construções mais livres para formas e/ou construções mais presas; (d) uma categoria (por exemplo, tempo/aspecto, posse e comparação) pode ser expressa por diversas formas que se encontram em pontos diferentes do percurso.

Duas observações sobre a escala elaborada por Hopper e Traugott (1993) devem ser feitas: (a) a proposta dessa escala não implica a assunção de que a gramaticalização sempre parte de um item lexical, esta pode iniciar-se em um item gramatical; (b) essa escala ratifica o caráter gradual da gramaticalização como um tipo de mudança linguística ao demonstrar, por exemplo, que não há evolução abrupta de uma forma lexical para uma forma clítica.

Um dos verbos analisados neste trabalho — **ver** — apresenta, em estruturas sintáticas complexas, um uso gramaticalizado (com o valor equivalente a um advérbio de dúvida, na construção *vai ver que*) no segundo ponto dessa escala de Hopper e Traugott. Somente o surgimento de outros usos de **ver**, primeiro, como clítico e, depois, como afixo poderia confirmar essa hipótese da unidirecionalidade. Até então, o que se pode dizer, a partir dos dados sincrônicos analisados, é que o verbo **ver** passou por um primeiro estágio de gramaticalização.

Além do *cline* postulado por Hopper e Traugott (1993), as seguintes trajetórias de mudança linguística, partindo ainda do princípio de unidirecionalidade, têm sido estabelecidas para o processo de gramaticalização: (a) nome > preposição > clítico > marcador de caso; (b) morfema livre > morfema preso; (c) categoria lexical > categoria gramatical; (d) categoria menos gramatical > categoria mais gramatical (LASS, 1997 apud CAMPBELL, 2001, p. 104). Bybee et al. (1994) também falam que o percurso da gramaticalização é sempre de um elemento menos gramatical (com significados mais concretos e específicos) para mais gramatical (com significados mais abstratos e gerais). Nota-se, pois, que as trajetórias

⁴ Hopper e Traugott (1993, p. 126) ressaltam que, embora a unidirecionalidade seja uma hipótese forte, não pode ser considerada como um princípio absoluto. Os estudiosos citam alguns contraexemplos desse princípio. Salientam que a existência desses contraexemplos e a sua relativa infrequência contribuem para a definição do que é mais prototípico na gramaticalização.

supracitadas enfatizam que o produto final da gramaticalização, independente do estágio desse processo, será sempre um elemento linguístico com um *status* mais gramatical, o que, nos termos de Campbell e Janda (2001), traduz o que é mais recorrente nas definições apresentadas para gramaticalização.

Um outro percurso de gramaticalização é o apresentado por Lehmann (1988) apenas para os verbos em oração matriz.

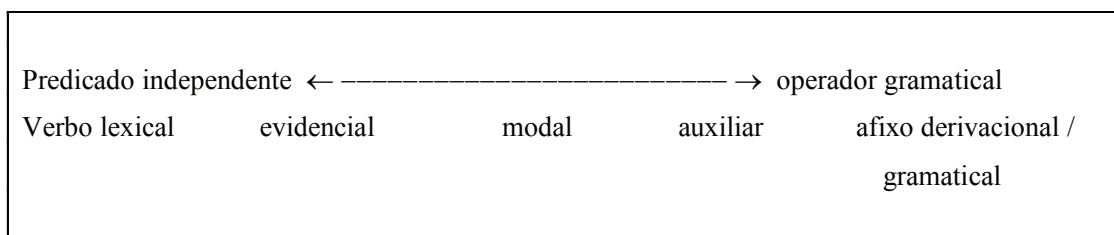


Figura 1. Gramaticalização do verbo principal (LEHMANN, 1988, p. 204)

Com relação a dois dos verbos investigados neste trabalho — **sentir e achar** —, eles apresentam usos gramaticalizados no segundo ponto do *continuum* acima, que se instanciam nas construções (*eu*) *acho que* e (*eu*) *sinto que*. No entanto, o uso mais gramaticalizado de **ver** aqui examinado (*vai ver que*) não pode ser inserido nesse *continuum*. Sobre essa questão, sugeri que “deveria ser acrescentado, após a etapa de afixo derivacional/gramatical, um outro estágio de gramaticalização, que corresponderia, em estruturas complexas, à mudança na classe gramatical de um dado item verbal” (cf. CARVALHO, 2004, p. 89).

A noção de unidirecionalidade tem suscitado questionamentos em estudos recentes sobre a gramaticalização (CAMPBELL, 2001; CAMPBELL; JANDA, 2001; LINDSTRÖM, 2002 apud LIMA-HERNANDES, 2003; CASTILHO, 2004; LIMA-HERNANDES, 2003, dentre outros).

Ao discutir a atuação do princípio de unidirecionalidade na gramaticalização, Castilho (2004, p. 03) adverte que o grande problema da literatura sobre esse tema reside no fato de (a) a língua ser vista como uma combinação linear de itens separáveis e (b) ser tomada como um produto e não como um processo, embora o sufixo *-ization* seja empregado para rotular processos. Assim, nos termos desse autor, para que se melhorem os estudos sobre gramaticalização, devemos, entre outras coisas, adotar uma teoria dinâmica ou processual da língua⁵ e substituir o princípio de unidirecionalidade pelo princípio de multidirecionalidade, uma vez que “a gramaticalização é um processo feito de simultaneísmos, não de linearidades, tornando-se difícil admitir derivações entre fases; em consequência [disso], o princípio da unidirecionalidade é uma ilusão de ótica” (CASTILHO, comunicação pessoal).

Gramaticalização e contexto morfossintático

Na literatura linguística (BYBEE et al, 1994; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 1997; BYBEE, 2003; NOËL, 2007, dentre outros), a importância do contexto

⁵ De acordo com Castilho (2004, p. 03), nessa teoria, a língua é considerada como um multissistema dinâmico. Esse linguista explica que fazem parte da natureza polissistêmica da língua quatro domínios: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática.

morfossintático em que a forma fonte ocorre tem sido acentuada para o processo de gramaticalização. A título de ilustração, Bybee et al. (1994) afirmam que novas funções gramaticais emergem em contextos delimitados e específicos ou em construções.

No português brasileiro, alguns verbos vêm experimentando mudanças no seu estatuto categorial em determinados contextos morfossintáticos. Evidencia-se, por exemplo, uma mudança categorial do verbo **ir** no contexto de terceira pessoa do singular, mais especificamente, na construção *vai que* (LONGHIN-THOMAZI, 2010), em que é empregado como conjunção condicional. Nesse contexto, nota-se, pois, que se instanciou a reanálise, “mecanismo que atua no eixo sintagmático, caracterizando-se por uma reorganização da estrutura do enunciado e uma reinterpretação dos elementos que o compõem” (MARTELOTTA et al., 1996, p. 57).

No que diz respeito à gramaticalização de formas verbais, o tipo de contexto morfossintático parece ter implicações no resultado da forma gramaticalizada. O contexto de primeira pessoa do singular tem possibilitado a reanálise de verbos em modalizadores de opinião, como se pode ver nos usos *(eu) acho que* (GALVÃO, 1999; CEZARIO, 2001), *(eu) sinto que* (CARVALHO, 2004). A relação entre a nova função linguística desempenhada pelas formas gramaticalizadas citadas e a construção morfossintática — a de primeira pessoa do singular — que lhes deu origem parece bem motivada, uma vez que tais usos marcam um ponto de vista pessoal, atuando como um mecanismo de preservação de face do falante.

Vale destacar, no entanto, que diferentes contextos morfossintáticos também podem ser mobilizados para a expressão de uma mesma função discursiva. É o que se observa em empregos de alguns verbos (*think, guess, achar, parecer*) como parentéticos epistêmicos. O emprego de *think* e *achar* como evidenciais epistêmicos se dá no contexto de primeira pessoa do singular; já o de *guess* e *parecer*, no contexto de segunda e terceira pessoas do singular, respectivamente.

Gramaticalização de formas verbais, contexto morfossintático e reanálise: análise dos dados

Os verbos **ver**, **sentir** e **achar** apresentam usos gramaticalizados, que se instanciaram em contextos morfossintáticos específicos. Passo a descrever tais usos e contextos.

Vai ver que ilustra uma gramaticalização de **ver** em uma construção (01). Nesse caso, não é só **ver** que teve um ganho funcional mas toda a construção em que ele está inserido passou a ser empregada como um item gramatical (advérbio de dúvida).

- (01) Tem o homem que desenha, o cara- a sala de risco, lá não é desenho, não é? É sala de risco. Então tem aquelas tubulação todas, não é? Tem um motor, tem tudo. O homem que fez aquilo, ele nunca viu um- **vai ver que não sabe nem o que é um motor!** Mas ver o que é a participação de cada um. Quer dizer que então é a parte, não é? Que integra cada um dos <un->- (hes) [É o que]- É o que integra cada um, não é? A parte que... tem algo que diz aí, não é? Integração social, não é? Programa de integração social: PIS. Mas isso não é um troço certo, bem certo não. Então a integração do operariado se baseia mais é nisso. (PEUL, Inf. 09, Amostra 80, p. 14)

Vai ver que também pode ocorrer sem o conectivo *que* (02). Tal fato não deve causar estranheza, uma vez que a ausência de conectivos já foi evidenciada em outros usos

gramaticalizados de verbos do inglês e do português: a título de exemplo, vale lembrar que *think*, *guess*, *achar*, *parecer*, quando utilizados como evidenciais epistêmicos, passam a se comportar sintaticamente como um advérbio, adquirindo uma mobilidade na frase, e também são empregados sem conectivos (cf. THOMPSON; MULAC, 1991 apud HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GALVÃO, 1999; CEZARIO, 2001; GONÇALVES, 2003). Convém destacar que, para *vai ver* com ou sem conectivo, ainda não se evidencia tal mobilidade na sentença; sua posição continua a ser no início da sentença, como demonstram (01) e (02).

- (02) Mas comé que a senhora conhece ela lá no sei da onde, eu tenho esse defeito, eu conheço as pessoas. Eu conheço casa eu conheço coisa. **Vai vê, você veio de tão longe né?** E eu tô te conhecendo agora, se vê amanhã eu digo que te conheço, as pessoas vêm dizer “(inint) você conhece o quê?” “conheço porquê?” Eu não só vivo de qualquer coisa, eu- eu também gosto de sabedoria, porque quanto mais eu conversá mais eu sei. (PEUL, Inf. 28, Amostra 00, p. 11)

A reanálise de **ver** em advérbio se dá em uma construção complexa, no contexto morfossintático de terceira pessoa do singular, em uma forma perifrástica de futuro com o verbo *ir*, seguida da conjunção *que*. Pode-se dizer que, com essa reanálise, ocorre uma redução da cláusula complexa, já que **ver** deixa de ser predicador da matriz, passando a funcionar como um constituinte da nova oração simples. Nos termos de Lehmann (1988), uma gramaticalização forte do verbo principal pressupõe uma dessentencialização avançada. Isso se dá pelo fato de essa gramaticalização poder transformar o verbo da oração principal em um operador gramatical da sentença subordinada, reduzindo o escopo sintático desse verbo.

Observe-se que, mesmo com a gramaticalização de **ver**, a completiva continua a ser codificada na estrutura finita, o que nos permite dizer que esse uso foi gerado com essa estrutura. Nesse sentido, pode-se considerar que, nesse uso gramaticalizado de **ver**, no que concerne à configuração sintática da completiva, houve a atuação do princípio de gramaticalização *persistência*. Tal princípio, proposto por Hopper (1991), preconiza que traços (semânticos ou morfossintáticos) da forma ou construção original podem permanecer na forma gramaticalizada e refletir restrições na sua distribuição gramatical. Assim, existe uma restrição gramatical quanto à ocorrência de *vai ver que* (empregado com ou sem o conectivo *que*) com sentenças não-finitas.

Tendo em vista as considerações tecidas anteriormente sobre *vai ver que* (01), (02), *vai que* (03) e *parece* (04), depreende-se que o contexto de terceira pessoa do singular tem se mostrado produtivo na reanálise de formas verbais no português brasileiro (04). O interessante é que esse contexto, nos três casos mencionados, gerou formas gramaticalizadas mais neutras do ponto de vista gramatical. Isso talvez possa ser explicado pelo fato de a terceira pessoa gramatical ser menos marcada gramaticalmente, tendendo a ser expressa pelo morfema \emptyset em muitos tempos verbais (COSTA, comunicação pessoal).

- (03) Pensando bem, melhor não. Acho mais prudente não arriscar. **Vai que eu me entrego sem querer?** Definitivamente, nada pode ser pior que isso, nada pode ser pior do que sucumbir por fraqueza. <<http://www.revistazunai.com.br>>⁶

- (04) Ela forçando,(...inint...), não quero mais não, (...inint...), vou pro Senai pra vocês não me abusarem, no Senai passei quinze meses, fiz um curso de tornei, de torneiro em sessenta e oito **parece**, daí pra cá só tenho a família mesmo. (PEPP, Inf. 15, p. 03)

⁶ Exemplo extraído de Longhin-Thomazi (2010).

Sentir apresenta um uso gramaticalizado como modalizador de opinião, como se vê no exemplo abaixo:

(05) **DOC:** Você acha que isso pode prejudicar ela?

12: Ah, eu acho, não é porque eu, eu gosto, eu amo a minha irmã, minha irmã Ave Maria pra mim é tudo, minha irmã, minha mãe, meu pai, mas minha irmã assim, não sei se é por causa daquela proteção que eu dou demais a ela, mas eu acho que vai prejudicar, eu tenho certeza que um dia ela vai voltar tudo, eu tenho certeza que, eu não vou dizer assim, ah ela vai acabar com esse namorado amanhã, mas eu, não sei, **eu sinto que não vai dar certo** sabe, e que ela vai um dia chegar pra mim pra vai me pedir desculpas, vai dizer que eu que estava certa, vai voltar de bem com o meu namorado, eu tenho certeza disso, está assim coisa de momento, mas as vezes assim eu choro, que não sei o que, porque eu não era assim com ela, era, parecia, eu andava de mãos dadas com ela na rua, eu beijava ela, e não sei o que, não sei o que, hoje em dia a gente faz até cursinho no mesmo lugar, ela senta do meu lado, (...inint...) uma pessoa, uma colega. (PEPP, Inf. 12, p. 02)

Em (05), o informante emite sua opinião sobre um fato que está expresso na completiva. Nesse caso, a expressão **eu sinto** marca um ponto de vista pessoal e tem uma função modalizadora, atuando como um mecanismo de preservação de face do falante. Convém destacar que, nesse exemplo, essa expressão pode ser comutada com *eu acho* ou *eu tenho a impressão de*.

Esse uso de **sentir** ocorre sempre no contexto morfossintático de primeira pessoa do singular, com verbo no presente do indicativo. Não causa surpresa o emprego dessa pessoa gramatical nesse uso de **sentir** como modalizador de opinião, uma vez que ela remete ao próprio falante. Nos termos de Palmer (1986, p. 16 apud Galvão, 1999, p. 25), “a modalidade é a gramaticalização das atitudes e opiniões (subjativas) do falante”. Pensando nos princípios de gramaticalização formulados por Hopper (1991), pode-se dizer que, nesse uso, essa restrição de pessoa gramatical e tempo verbal constitui um caso de *deategorização* do verbo **sentir**. Segundo esse princípio, formas gramaticalizadas tendem a perder ou neutralizar certas características morfossintáticas da sua forma fonte (HOPPER, 1991, p. 22).

Vale relembrar que, no português brasileiro contemporâneo, essa mesma *deategorização* pode ser apreciada a propósito de *eu acho que*, também empregado como modalizador ou marcador de opinião (GALVÃO, 1999; CEZARIO, 2001). Passo a tratar desse verbo.

Espíndola (1998, p. 151-2 apud FREITAG, 2003, p. 39) esclarece que esse verbo é utilizado como *marcador de opinião* quando, entre outras características, indica uma opinião pessoal do locutor em relação a um assunto/fato ou a uma pessoa etc., como se pode ver em (06).

(06) **DOC:** E o que é que você acha disso?

01: **Eu acho que ... que ... que é um erro. Eu, pra mim, acho, a meu ver, que é um erro.** A gente tem que bater, a gente tem que castigar, tem que proibir alguma coisa.

DOC: De alguma forma orienta.

01: É, dar uma orientação.

DOC: Então o jovem, hoje...

01: São diferentes de antigamente.

DOC: É diferente?

01: São. É, eu acho a educação muito ... e lhe digo mais ... **eu acho pra mim que a televisão influenciou muito a educação da criança.** (PEPP, Inf. 01, p. 33)

No contexto de primeira pessoa do singular, **achar**, além de ocorrer como *marcador de opinião*, funciona como *marcador de dúvida* ou *parentético epistêmico* (07).

(07) DOC: (risos). Eh, é isso mesmo, mas toda a criança é assim mesmo viu, não se preocupe não, não é só ela não, (risos). Sim, e você disse que só estudou mais tarde não foi?

29: Foi, eu estudei mais tarde, porque os meus pais não tinham um recurso pra me pôr no colégio, e no, e antigamente a gente só ia pro colégio **acho** com sete ou oito anos, aí já fui muito tarde, a gente ficava mais, aprendia mais as coisas assim, o abecê na, numa banca, com uma pessoa... (PEPP, Inf.29, p. 03)

Votre (2004) menciona que, quando **achar** é usado como advérbio de dúvida, diminui o comprometimento do falante com o que está expresso na completiva, já que há uma dúvida a respeito dos fatos. Galvão (1999) também considera que esse emprego de **achar** (que ela denominou de *achar4*) exibe propriedades que se afastam significativamente daquelas inerentes aos verbos, comportando-se como itens que exercem a função gramatical de advérbio. A título de ilustração, pode-se citar a posição — intercalada — em que *acho* ocorre na sentença, como mostra o exemplo (07).

Note-se que, com relação a esse verbo, um mesmo contexto morfossintático gerou formas gramaticalizadas com comportamentos semântico-discursivos e sintáticos diferentes. Nesse caso, é importante lembrar que os dois usos de **achar** também se encontram em diferentes pontos no *continuum* de gramaticalização: postula-se que *acho (que) marcador de dúvida* esteja mais gramaticalizado do que *acho que marcador de opinião* (GALVÃO, 1999; FREITAG, 2003; VOTRE, 2004). Sobre essa questão, Freitag (2003) esclarece que, no *continuum* proposto, a função *marcador de opinião* representa uma instância inicial, mais concreta e a função *marcador de dúvida*, uma instância mais abstrata.

Um outro ponto a ser discutido em relação às duas funções supracitadas tem a ver com o escopo da reanálise de **achar** nessas funções: tal reanálise envolve ou não complementizador *que*? Essa pergunta é motivada pelo fato de **achar** como *marcador de opinião* tender a ser empregado com o complementizador *que*, como demonstrado em (06); em uma distribuição completamente inversa, o uso de **achar** como marcador de dúvida tende a ocorrer sem esse complementizador, como ilustrado em (07). Até que ponto essa tendência à ausência de complementizador estaria relacionada ao fato de o uso de **achar** como *marcador de dúvida* estar mais gramaticalizado do que o uso desse verbo como *marcador de opinião*? Só os resultados empíricos poderão nos ajudar a obter respostas para essas perguntas. Assim, espero poder responder a essas e outras questões com as futuras análises dos dados do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP), que constituem o *corpus* da pesquisa desenvolvida por mim sobre a relação entre gramaticalização e contextos morfossintáticos.

Considerações finais

Neste trabalho, illustrei, com base em dados de uso da língua em situações reais de comunicação, que alguns itens verbais (**ver**, **sentir**, **achar**) do português brasileiro têm passado pelo processo de gramaticalização em construções complexas, mais especificamente, em construções subordinadas com cláusulas completivas.

Os usos gramaticalizados desses verbos podem ser agrupados de acordo com os tipos de contextos morfossintáticos em que se deu a reanálise. Levando-se em conta os contextos de pessoa gramatical e tempo verbal, observa-se que *vai ver que* se opõe a *eu sinto que* e *eu acho (que)*: o primeiro uso ocorre na terceira pessoa do singular e com forma perifrástica de futuro com o verbo *ir* enquanto os últimos se realizam na primeira pessoa do singular e no presente do indicativo.

A análise qualitativa dos dados permitiu evidenciar a relevância do contexto morfossintático no processo de gramaticalização desses verbos. Nesses casos, os tipos de contexto em que ocorreu a reanálise desses verbos parecem influenciar o resultado da gramaticalização. Ainda quanto a **achar**, um mesmo contexto motivou distintas formas gramaticalizadas. Resta agora saber (a) se isso seria uma especificidade do verbo **achar** no contexto de primeira pessoa do singular, (b) se essa pessoa gramatical também teria gerado usos gramaticalizados diferentes para outros verbos e (c) se os usos gerados mantêm algum tipo de relação do ponto de vista semântico-pragmático, um podendo ser entendido como a forma fonte do outro.

Assim, embora esta pesquisa ainda se encontre em fase inicial, os seus resultados preliminares sugerem que o contexto morfossintático, além de ser um dos pontos de partida para a gramaticalização de itens, exerce um papel importante no que diz respeito à codificação das novas funções — gramaticais e discursivo-pragmáticas — desempenhadas por tais itens gramaticalizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

_____ et al. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago/London: University of Chicago, 1994.

CAMPBELL, Lyle. What's wrong with grammaticalization?. *Language Sciences*, Amsterdam, v. 23, p. 113-161, 2001.

CAMPBELL, Lyle; JANDA, Richard. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, Amsterdam, v. 23, p. 93-112, 2001.

CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. 251 f. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CASTILHO, Ataliba T. de. Unidirectionality or multidirectionality? Some issues on grammaticalization.. *Revista do GEL*, São Paulo, n. 1, p. 35-48, 2004.

CEZARIO, Maria Maura. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. 217 f. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GALVÃO, Vânia Cristina C. *O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v.2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions*. A constructional grammar approach to argument structure. London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C.; HEINE, Bernd (Eds.) *Approaches to grammaticalization*. 2 vols. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.

_____; TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 1993. 256 p.

LEHMANN, Cristian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra (Eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p.181-225.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Gramaticalização de cláusulas: unidirecionalidade é real? *Estudos Linguísticos*, v. 32, São Paulo, 2003.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia. Vai que eu engravidado de novo?: gramaticalização, condicionalidade e subjetivização. *Lusorama*, Frankfurt am Main, v. 81-82, p.135-150, 2010.

MARTELOTTA, Mario Eduardo et al. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo et al. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1996. p. 45-75.

NOËL, Dirk. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of language*, Amsterdam, v. 14, n. 2, p.177-202, 2007.

TRAUGOTT, Elizabeth C. *The role of the development of discourse marks in a theory of grammaticalization*. Paper from the ICHL XII, Manchester, 1995. Versão de 1997. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/papers/discourse.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2010.

VOTRE, Sebastião Josué. Integração sintática e semântica na complementação verbal. In: VOTRE, Sebastião Josué et al. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2004. p. 11-49.